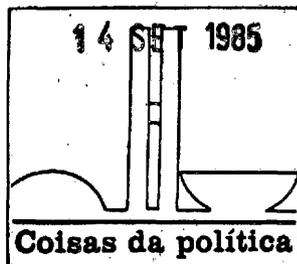


# O discreto apoio do Presidente

Jornal do Brasil  
Teresa Cardoso

“O Presidente me autorizou a dizer para a imprensa que está contente com a nossa chapa”. Esta tem sido invariavelmente a frase mais repetida à saída do Palácio do Planalto pelos candidatos a prefeito que procuram o Presidente Sarney em busca daquilo que sempre encontraram nos governos do regime passado — a bênção palaciana para reivindicar o voto do eleitor no interior do país.



Conseguir o apoio governamental, mesmo que só tácito (antigamente, esse apoio implicava a liberação de verbas), parece ser o segredo para o êxito de qualquer campanha, sobretudo quando o Presidente que empresta esse apoio goza do mais formidável apoio nas pesquisas de opinião pública realizadas no país. A questão é saber se, na prática, isso resultará em voto — e isso só as urnas de novembro revelarão.

Revelarão também se o Governo conviverá pacificamente com qualquer resultado que ali apareça. Porque o Presidente Sarney tem repetido a seus interlocutores mais curiosos que a maturidade democrática a ser consolidada em seu governo convive com qualquer imprevisto eleitoral — leia-se nesse aviso a forte hipótese de vitória do candidato Jânio Quadros em São Paulo.

Acontece que, apesar de manter-se inabalável na defesa dessa tese, o Presidente já deu demonstrações de que a vitória de Jânio não seria tão engolível assim. Foi por conta desse temor que, terça-feira, o Presidente concordou espontaneamente em posar sorridente ao lado do candidato peemedebista Fernando Henrique Cardoso, para uma fotografia destinada a ilustrar cartazes de sua campanha eleitoral.

O Presidente autorizou o candidato a colocar qualquer mensagem de apelo eleitoral ao lado dessas fotografias e deixou claro também que seus assessores estão liberados para demonstrar apoio ao candidato. Haja vista a viagem a São Paulo do secretário de imprensa da Presidência da República, Fernando César Mesquita, para gravar depoimentos de apoio ao candidato paulista.

E não faltam outros exemplos de que o Governo tem uma especial predileção pelo candidato do PMDB paulista. Fernando Henrique Cardoso já foi ao palácio em busca do apoio do Ministro José Hugo Castelo Branco para projetos de interesse dos motoristas de táxi de São Paulo. O Ministro prometeu agilizar esse apoio antes de 15 de novembro, o que era denunciado pelo sorriso do candidato, ao deixar o palácio pelo elevador privativo.

“Eu me manterei à distância do processo

eleitoral”, costuma dizer o Presidente, sempre que um candidato ao pleito municipal chega ao seu gabinete fazendo a clássica e matreira oferta política que, invariavelmente, termina assim: “Se eu vencer a eleição, minha administração será dedicada ao êxito do seu governo”. O máximo que o Presidente concede a esses interlocutores é o desejo formal de que sejam bem sucedidos.

Mas, apesar dessa elegante postura com que Sarney tem caracterizado sua atuação nessa campanha, a olhos mais atentos jamais escapam os deslizamentos. O candidato pefelista à prefeitura de São Luís, Jayme Santana, jamais deixa de levar seus mapas de campanha e resultados de pesquisas eleitorais para o atencioso exame da assessora especial do Presidente, Roseana Sarney. Um dos mais freqüentados do Palácio do Planalto, o gabinete de Roseana está sempre aberto para o candidato maranhense, marque ou não audiência.

Outro sinal de que a distância do Presidente Sarney dos pleitos municipais não é tão grande assim está nas promessas feitas ao candidato Mário Kertész, do PMDB da Bahia. Sarney prometeu a Kertész, por exemplo, que tomaria providências para que as verbas liberadas pela União para os municípios deixassem de seguir o caminho tortuoso que passa pelos gabinetes de governadores estaduais. Isso significa que o Governador João Durval, da Bahia, não mais se beneficiará politicamente das verbas municipais que até então podiam influenciar na vitória do seu candidato.

Esse comportamento do Presidente Sarney, ilustrador de que ele torce, e bastante, para alguns, é indicativo de que pouco adianta para os candidatos saírem do seu gabinete com declarações de que dele receberam apoio. Quem realmente o Presidente está apoiando já recebeu demonstrações cabais disso e, por isso mesmo, nem precisou sair do Palácio do Planalto alardeando essa adesão palaciana.

Três candidatos ao pleito no Rio de Janeiro — Jorge Leite, Fernando Carvalho e Rubem Medina — já deixaram o Palácio anunciando esse apoio, mas nem por isso puderam dar provas de que ele é concreto. Todos saíram também dizendo que não foram pedir apoio, mas o receberam espontaneamente. Na surdina, o Presidente tem dito a seus assessores mais íntimos que não quer correr riscos de desgaste nessa eleição: vai se manter à distância, dando a entender que apóia todo mundo para não ter que dividir o peso da derrota com quem sair perdendo nas urnas. Em suma, nos bastidores, o Presidente vai apoiar quem ele realmente quer. Em público, diz que apóia quem for da Aliança Democrática. Quem perder receberá suas declarações formais de solidariedade com a derrota. Quem ganhar terá que dividir com ele os louros da vitória. E é a reboque desses vitoriosos que o Presidente pretende navegar para eleger governadores com ele afinados em 1986.

Teresa Cardoso é repórter política do JORNAL DO BRASIL em Brasília.